

## HISTÓRIA INDÍGENA NA SALA DE AULA: O USO DO GRAFISMO E DA PINTURA CORPORAL COMO RECURSO DIDÁTICO

\*Lucivaine Melo da Silva<sup>1</sup>(IC), Maria Geralda A. Morera<sup>2</sup>(PQ)

Universidade Estadual de Goiás-Campus Iporá

Lucivainemelo53@gmail.com<sup>1</sup>

### Resumo:

O século XX foi o período da consolidação do espaço escolar, sendo o ensino da história indígena difundido ao final deste século, abordado nos livros didáticos em uma leitura ainda carregada de estereótipos sobre a figura do “índio” inculcada no imaginário dos indivíduos. Com a chegada dos europeus que estigmatizaram os indígenas, o que prevalecendo por um longo tempo, levou-os a ficarem à margem da construção histórica do Estado Nacional. Recentemente os movimentos indigenistas, novas perspectivas teórico-metodológicas impulsionaram a elaboração de narrativas com a temática, desenvolvendo a valorização e a visibilidade das lutas dos grupos étnicos e suas identidades. Neste trabalho, nosso objetivo é apresentar o grafismo e a pintura corporal indígena como recurso à prática do ensino-aprendizagem, sobre as etnias Karajá e Pataxó, representadas por meio da elaboração dos desenhos e seus significados em cada grupo. O trabalho com a diversidade cultural étnica tornou-se obrigatória no ensino básico com a Lei 11.645/2008.

**Palavras-chave:** Ensino. História Indígena. Etnias. Grafismo.

### Introdução

O ensino de história indígena ainda não é prática comum no cotidiano escolar, mesmo após a aprovação da Lei 11.645/2008 que tornou obrigatório o ensino dessa temática na educação básica. De acordo com Funari e Piñón (2011) “a escola, ao longo da história do Brasil cristalizou determinadas imagens dos índios que “fazem a cabeça” dos cidadãos presentes e futuros, que acabou favorecendo a exclusão da presença indígena da sociedade e cultura brasileira” (FUNARI; PIÑÓN 2011, p. 8), um conceito estereotipado produzido a partir do olhar europeu que homogeneiza as etnias, construindo uma ideia como se fossem únicas, ou seja, possuíam a mesma cultura e tradições. O trabalho de Funari e Piñón (2011) aborda o Ensino de História Indígena e enfatiza que este precisa trazer uma visibilidade à identidade desses povos e reforçar as resistências dos grupos étnicos, suas lutas, o movimento indígena em geral e suas lideranças.

A homologação da Lei 11.645/08 é fruto dos esforços desse movimento que, desde a década de 1970, luta pelo reconhecimento da diversidade, bem como pela terra e por uma educação diferenciada. Embora a obrigatoriedade dessa temática pela legislação seja um avanço, a mudança no cotidiano da escola depende de diferentes fatores, entre eles de material didático para abordar esse assunto, de

forma a enfatizar a pluralidade desses povos dentro da sociedade brasileira e quanto desses costumes está presente na nossa vida diária, a exemplo da alimentação, religiosidade e outros.

O objeto desse trabalho é discutir o uso de uma manifestação cultural como recurso didático para abordar a temática indígena na sala de aula. O projeto inicial surgiu a partir de ações do Subprojeto do Pibid de História da UEG – Campus de Iporá, que tem buscado alternativas didáticas para discutir a temática na universidade e na escola parceira. Dessa experiência inicial, buscamos ampliar as leituras e experiências didático-reflexivas-narrativas sobre o uso da pintura corporal e do grafismo como recurso didático, a partir de duas etnias: Karajá e Pataxó.

A pintura corporal e o grafismo são manifestações culturais que se utilizam do corpo como suporte. Algumas pinturas podem ser usadas diariamente pela etnia como demarcador da identidade de pertencimento a esse grupo, ou seja, “[...] a pintura corporal, como meio de distinguir os grupos em que está dividida uma sociedade indígena, lembrando um pouco das finalidades de nosso vestuário” (MELATTI, 1994, p. 163). O grafismo se caracteriza por seus traços geométricos bem elaborados, sendo que os desenhos possuem elementos simbólicos os quais representam elementos cósmicos, da natureza e são, geralmente, desenhados em momentos de festividades nas aldeias como, por exemplo, os ritos de passagens, identificações civis (solteiros ou casados). Ambos podem ser observados como elementos que demarcam e distinguem cada etnia e possuem um código de linguagem específico, grafado com cores vibrantes como o preto e vermelho.

Usar o grafismo e a pintura corporal indígena como um recurso prático para se ensinar História Indígena possibilitará aos alunos a conscientização de que cada etnia possui uma identidade específica, e esta reflete na elaboração dos desenhos e nos significados atribuídos a estes desenhos.

### Material e Métodos

Os métodos utilizados foram as leituras que fundamentaram teoricamente a discussão do tema e o segundo momento se caracteriza por ser uma ação-reflexiva-narrativa da experiência com alunos através da prática em sala de aula.

### Resultados e Discussão

O grafismo indígena utilizado como recurso didático nas aulas do ensino de história indígena tem como propósito apresentar as diferenças existentes entre os

grupos indígenas do Brasil. A persistência desses grupos, as ressignificações e incorporação dos elementos culturais redefinem suas práticas ligadas a essa manifestação cultural que não as deixam desaparecer.

Fomentar o diálogo no ambiente escolar contribui para o reconhecimento da pluralidade cultural existente no Brasil, para a ampliação dos conhecimentos dos alunos quanto à temática e, ainda, para a desconstrução de ideias preconceituosas, pois como afirma Funari e Pinón (2011, p. 116):

A escola, por seu papel de formação da criança, adquire um potencial estratégico capaz de atuar para que os índios passem a ser considerados não apenas um “outro”, a ser observado a distância e com medo, desprezo ou admiração, mas como parte deste nosso maior tesouro: a diversidade.

Novas abordagens produzidas pela História Indígena têm buscando compreender não o “índio” genérico, mas a especificidade, os modos de viver, a relação com o espaço, as manifestações culturais de cada etnia, percebendo-os como sujeitos históricos, e, portanto, atores sociais, que, embora, imersos em contextos de violências não ficaram passivos frente à situação.

Diante da diversidade cultural e étnica existente entre os povos indígenas do Brasil, optamos por trabalhar com duas etnias: a Karajá e a Pataxó. Etnias que ocupam espaços territoriais distintos, uma o cerrado goiano – os Karajá – a outra o litoral da Bahia – Pataxó - e vivenciam processos históricos diversos.

Os Pataxó vivem na Reserva Indígena da Jaqueira, próximo a Porto Seguro – Bahia, sendo uma das 36 aldeias, estão também localizados na região de Minas Gerais em um total de 12.326 indígenas pataxó (Siasi/Sesai, 2014)<sup>1</sup>, tendo como referencial tradicional a aldeia denominada de mãe Barra Velha. Diferentemente dos Karajá, um fator que marcou este grupo foi a intensidade do processo de colonização que ocasionou quase a sua extinção. Na atualidade, esse grupo indígena vive um processo de retomada de sua identidade étnica e, nesse processo, alguns elementos de sua cultura estão sendo reelaborados. O grupo, assim como muitos outros do Nordeste [...] estão reassumindo e recriando as suas tradições indígenas [...]” (LUCIANO, 2006, p.28).

Os Pataxó buscaram, nas pesquisas realizadas sobre seu grupo, informações sobre suas tradições, formas de pintura e seu significado. Além de pinturas tradicionais identificadas por meio desse levantamento, outros formatos têm sido

<sup>1</sup> Os dados estão Disponíveis em: <https://pib.socioambiental.org/pt/povo/pataxo/2303>. Acessado em: 22 de julho, 2017.

produzidos pelo grupo como é o caso do *Txopai* - um traço geométrico feito nos braços dos homens e mulheres. A reelaboração da pintura corporal como parte de sua cultura insere-se no processo de reafirmação étnica da identidade cultural do grupo.

O símbolo que predomina nas pinturas corporais dos Pataxó nos dias de rituais sagrados são os ligados a elementos da natureza, o traço mais utilizado nas festividades do ritual da Fatura é a forma em “V” que simboliza a boca de um peixe com uma bolinha preta, a insígnia de poder e boa caça. Este é também uma recriação dos Pataxó em agradecimento ao Deus criador *Niamisumie*, e representa a força e a luta do grupo que continua.

O outro grupo indígena que faz parte desse trabalho é a etnia Karajá. Segundo Vidal (2010) os Karajá são constituídos por três grupos: Javaé, Karajá do Norte e Xambioá que vivem no Estado de Goiás, Mato Grosso, Pará e Tocantins, tendo uma concentração maior do grupo no Parque Indígena Araguaia<sup>2</sup>.

Nas aldeias é realizado um grande número de festividades, sendo a principal delas o *Hetohoky* “festa da casa grande” que marca a passagem da adolescência para a vida adulta dos meninos. Nesse ritual de passagem, diferentes aldeias se reúnem e a pintura corporal é fundamental. Com duração de vários meses, possui vários momentos os quais marcam a saída do menino da convivência com sua mãe para se juntar ao grupo masculino, que tem uma casa centralizada na aldeia até o ritual final que marca a sua inserção no grupo de adultos.

A pintura corporal usada na primeira fase é denominada de *Juré*<sup>3</sup>, o corpo do adolescente é todo pintado com a cor preta do jenipapo em comparação com a ariranha, que simboliza a combatividade, agressividade e agilidade dentro e fora da água. Após um período de um ano e meio pintado com a cor preta, o menino *Juré* passa à outra fase de pintura denominada *bódu*, caracterizada como *tõsõ* “pintura de pica-pau”, nos períodos de festividades são sempre pintados pela irmã e mãe. As mulheres Karajá são as guardiãs da arte do grafismo, pois estas ensinam às suas filhas por meio da observação a partir dos traços executados na cerâmica, para que haja o processo da afirmação da tradição dos povos Karajá a serem perpetuados nas gerações seguintes.

---

<sup>2</sup> O Parque Indígena do Araguaia está localizado na Ilha do Bananal em Tocantins, situada entre os municípios de Formoso do Araguaia, Lagoa da Confusão e Pium.

<sup>3</sup> Optamos pela grafia dada por Vidal (2010).

Constatamos que a partir da arte indígena é possível trabalhar com os (as) alunos(as) a diversidade cultural dessa etnia, sendo possível ao professor desenvolvê-la por meio de projetos interdisciplinares, envolvendo as disciplinas de História, Geografia, Português e Artes, trabalhando produções que caracterizam as especificidades da cultura que permeia os grupos étnicos existentes no Brasil. São abordagens didático-pedagógicas que permitem inserir no cotidiano escolar de forma positiva a temática indígena, pois contribui para o reconhecimento das identidades dessas minorias, rompendo assim com o processo histórico de invisibilidade desses povos.

### Considerações Finais

As experiências realizadas corroboram que a pintura e o grafismo corporal, quando inseridos no cotidiano da sala de aula para abordar a temática indígena, são práticas pedagógicas que contribuem para desconstruir estereótipos, pois além de possibilitar a compreensão da diversidade cultural, contribuem para entender que são grupos distintos social e culturalmente, que atualmente assumem a identidade indígena. O uso desse recurso didático possibilita apresentar as especificidades, os costumes e os traços demarcadores da identidade de cada grupo.

### Agradecimentos

Primeiramente a Deus e ao Programa de Bolsas da Universidade Estadual de Goiás.

### Referências

- ALMEIDA, M. R. C. **Os Índios na História do Brasil**. Rio de Janeiro: FGV, 2010.
- FUNARI, P. P; PIÑÓN, A. **A Temática Indígena na Escola**: subsídios para professores. São Paulo: Contexto, 2011.
- LUCIANO, G. dos S. **O índio brasileiro**: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje. Brasília: MEC/UNESCO, 2006
- MELATTI. C.J. **Índios do Brasil**. São Paulo, 1994.
- POLECK, L. (Org.) **Adornos e Pintura Corporal Karajá**. Goiânia: FUNAI/UFG. 1994
- PREDES, I. A.; ZORZO, F. A. Hamykahay - Expressão Gráfica Corporal Pataxó. In. **Anais do XX Simpósio Nacional de Geometria Descritiva e Desenho Técnico**. 2011.
- VIDAL, L. A pintura corporal e a arte gráfica entre os Kayapó-Xikrin do Catete. In: **Grafismo indígena**: estudos de antropologia estética. São Paulo: Studio Nobel: USP/ FAPESP, 1992.